

Jornal da Tarde

10/1/1985

São Joaquim: ameaça de violência

Entra hoje em seu terceiro dia a greve dos cortadores de cana de São Joaquim da Barra. Ao contrário do clima tranquilo dos dois primeiros dias, há perspectivas de ocorrer atos violentos. Como os representantes dos empregadores recusaram participar das negociações de ontem à tarde, na Câmara Municipal, 1.500 bóias-frias desempregados prometem fechar todas as saídas da cidade, a partir das quatro horas da madrugada, para impedir que outros 2.500 trabalhadores cheguem a seus locais de trabalho. A Polícia Militar promete agir com energia para respeitar o direito de cada um fazer o que achar melhor.

Ainda ontem, um ônibus que transportava trabalhadores braçais que constroem a Destilaria Alta Mogiana, a 17 quilômetros da cidade, foi interceptado por um grupo de bóias-frias. Como o motorista ameaçou passar por cima do pequeno grupo, os desempregados tomaram de suas ferramentas de trabalho e quebraram três vidros do veículo, o que acabou por intimidar o motorista, que retornou à cidade.

As assembléias dos cortadores de cana de São Joaquim da Barra estão-se realizando na capela da Lapa Nova, com o apoio do pároco local, padre Eurípedes, e segundo os nove integrantes da comissão de negociações — não existe sindicato de trabalhadores rurais em São Joaquim — os políticos, de qualquer partido, estão afastados da organização do movimento. Ontem à tarde, depois de esperar pelos representantes dos empregados, os bóias-frias estiveram reunidos com o deputado Waldir Trigo (PMDB) e com o diretor da Fetaesp, Antônio Crispim da Cruz, quando tomaram ciência da situação em Guariba e Barrinha, acatando a sugestão de formulação de uma pauta única de reivindicações.

Os cortadores de cana de São Joaquim da Barra também estão interessados em garantir seus empregos, mas ontem muitos deles manifestavam preocupação com a falta de alimentos em suas casas, e questionaram as providências que as autoridades estão tomando para ajudá-los. É que, sabedores do auxílio do governo do Estado aos trabalhadores de Guariba, eles também querem a cesta de alimentos para enfrentar o período de desemprego.

O maior supermercado da cidade, o Degiovani, já saqueado em 1984, está mantendo suas portas fechadas.

Toda a movimentação de ontem foi acompanhada pela Polícia Militar, que deslocou para São Joaquim da Barra vários homens e viaturas do 15º Batalhão da PM, sediado em Ituverava, inclusive seu comandante, o capitão Nilton Colmanetti. Ele disse que a situação na área do destacamento é de relativa tranquilidade, inclusive em Igarapava, município onde estão instaladas três usinas — Junqueira, Mendonça e Delta.

Biafra brasileira

Os cortadores de cana reunidos ontem à tarde denunciaram que os empregadores de São Joaquim da Barra não estão respeitando o acordo de pagamento da diária de dez mil cruzeiros. A maioria deles está recebendo oito mil cruzeiros, mas há quem trabalhe por 6.500 cruzeiros. Na pauta de reivindicações, eles pedem 17 mil cruzeiros por dia trabalhado, além de auxílio-desemprego de 8.500 cruzeiros durante 90 dias; pagamento de horas extras, desde o momento em que tomam os caminhões; auxílio-doença no valor da diária durante 60 dias e até mesmo a remuneração de uma falta semanal sem justificativa.

O deputado Waldir Trigo, que está acompanhando o movimento grevista em toda a região, fez um patético discurso na Assembléia no início da noite — que decidiu pela continuidade da greve — para dizer aos trabalhadores rurais de São Joaquim da Barra que "na região mais rica de São Paulo existe uma Biafra brasileira, com crianças e adultos sem comer há quatro dias e morrendo de fome".

(Página 11)